

Ninguém ganha com a recessão

IGNÁCIO M. RANGEL

14.1.89
2/89

Não. Nem Sarney nem Mailson pediram minha opinião sobre o modo como se deve combater a inflação —apesar da unanimidade que se alega, entre os economistas, em torno das medidas que se anunciam. Não obstante a modéstia de minha condição, suspeito de que ambos a conhecem, mas o que conhecem não lhes agrada. Chego a pensar que eles careçam de um bom pretexto para um rijo arrocho salarial, um pouco de recessão e desemprego, e o meu parecer não vem a propósito disso. Tenho provado —sem que ninguém o tenha contestado, que eu o saiba— que os “peaks” de nossa inflação coincidem com os “off peaks” da atividade e econômica. Do emprego e da demanda, “ergo ipso”. E vice-versa.

Pensando bem, eles não deveriam mesmo cuidar de meu parecer, em matéria de inflação, se é esta sua intenção. A inflação não é propriamente um problema, mas um epifenômeno integrante da síndrome da recessão. Assim como a febre acompanha um ataque de pneumonia. Não há banho de água gelada que a cure, embora possa agravar a doença e até matar o doente. Isso mesmo que tem sido feito, com persistência digna de melhor emprego.

Temos uma inflação de quatro dígitos, mas não é isso o que mais nos dói. O que mais dói são o desemprego, a queda do salário real e outras manifestações da persistente queda da atividade econômica, embora não faltem “magos da Caldéia sábia” que insistam em persuadir-nos de que devemos promover mais desaceleração, mais

desemprego e mais queda da demanda. E o governo, aproveitando-se da desinformação da sociedade, desde as grandes massas trabalhadoras (ou desempregadas) até as elites e a chamada “classe política”, parece disposto a jogar, mais uma vez, nessa aventura suicida.

“Qui prodest?”, isto é, quem ganha com isso? Ninguém, é certo, se excluirmos alguns professores de economia, creio que em número decrescente. É por isso que continuo confiante em que arripiaremos carreira, antes da beira do clássico abismo. Mais uma vez, nossa excelente direita dará os passos necessários e, depois, pouco se lembrará da crise que aí está.

Sim, a direita. Pedro 1º, neto de D. Maria 1ª, cujos esbirros prenderam, enforcaram e esquartejaram Tirantes, proclamou, não obstante, nossa Independência. Uma nova “journée des dupes” está sendo preparada. Senão, vejamos:

O empresariado capitalista monopoliza a liquidez do sistema, além de sentir que, pelo uso do seu potencial ocioso, dadas certas condições, poderá suscitar muito mais liquidez. Para esse empresariado, a verdadeira crise consiste no fato de que o Estado —que não dispõe do liquidez— monopoliza as oportunidades de inversão, concentradas nos grandes serviços de utilidade pública.

Suponhamos, para discutir, que o governo —não por ser forte, o que não é, mas por ser fraco— resolva ceder, abrindo as oportunidades de

inversão que não pode utilizar, ao setor detentor da liquidez do sistema, isto é, o setor privado. Cresceriam os investimentos, a demanda global e o emprego, interessando na operação às grandes massas trabalhadoras— e, mais ainda, às desempregadoras.

Os escribas e os fariseus aí estão, de plantão permanente, para dizer que isso agravaria a inflação. Mas o contrário seria a verdade, porque o mesmo movimento que expandiria a demanda efetiva do sistema, faria crescer, num múltiplo desta, a oferta efetiva. Não fosse nossa economia tão pesadamente oligopolizada, capaz, portanto, de autolimitar a própria oferta quando isso seja do seu interesse... como no caso de faltarem oportunidades de investimento, nas quais aplicar sua liquidez atual e potencial.

O caso é que os sábios em cuja ciência nosso governo costuma beber a própria sabedoria postulam, como artigo de fé, a competição perfeita do sistema, mesmo quando não o confessem e até quando o neguem. Isso, porém, não os exime do dever de verificar se é ou não verdade, como insisto em demonstrar, que nossa taxa de inflação é máxima quando a conjuntura é, com esta, a demanda global é mínima, e vice-versa. Ficaria para depois a investigação das causas desse comportamento, tão desconcertante para os nossos sabichões.

Meu opúsculo “Economia, Milagre e Antimilagre”, págs. 50 a 51, Jorge Zahar Editor, seria um bom lugar para ver isso.

IGNÁCIO M. RANGEL, 75, economista, é membro do Conselho Federal de Economia e foi presidente do Conselho Regional de Economia do Rio de Janeiro.